

Coluna do Castello

Onde está a ilha da Fantasia

A instalação definitiva e irreversível da capital da República em Brasília não desarmou os adversários da transferência da sede do governo para uma cidade em construção no Planalto Central. Razões diferentes mas semelhantes localizam no Rio de Janeiro e em São Paulo a sede do movimento de descrédito da nova capital. No Rio pelo óbvio desfalque de funcionamento do sistema de governo federal que acrescentava ao charme da cidade a qualidade de capital política. Em São Paulo, pela presunção de que, excluído o Rio como o centro do poder, esse deslocou-se para lá independentemente da capital estar no longínquo (uma hora e 10 minutos de vôo) Planalto. São Paulo gloria-se de ser a sede das decisões econômicas e já agora o centro de irradiação política, além de disputar a hegemonia no cultural.

Muito bem. Não vamos discutir esses questionamentos, mas apenas lembrar que o isolamento de Brasília é mais fictício do que real. Em primeiro lugar lá é que se elaboram as decisões políticas e as decisões de governo em qualquer área, inclusive a econômica. Quanto à falta de contacto direto com os centros nos quais se registram as oscilações sísmicas da opinião com relação a operações de governo, o que as debilitaria em si mesmas, deve-se observar que o governo compõe-se de pessoas selecionadas em São Paulo, no Rio e em outras capitais das quais emergem como símbolos ou expressões do poder real. Não há um corte entre o exercício dos cargos em Brasília e o contacto vivificador com as fontes, pois os ministros e seus assessores mal dedicam três ou quatro dias de permanência na capital e retornam às suas bases onde lhes é franco e aberto o contacto com as correntes de opinião e seus intérpretes.

Na capital, por outro lado, a grande imprensa do Rio e de São Paulo circula nas primeiras horas da manhã e as grandes redes de televisão operam em escala nacional durante o dia e a noite. Os serviços governamentais de informação oferecem ao presidente e ao ministério e outros escalões decisórios uma ponderável massa de dados e registros nada negligenciáveis. O presidente da República, desde os tempos de Juscelino, tornou-se um personagem menos sedentário que busca no trânsito por todo o país o contacto vivificador com os sentimentos populares e com as elites dirigentes regionais. Brasília é de certo modo um centro aglutinador, para o qual convergem todas as informações e todas as reações não só do Rio e de São Paulo como do resto do país.

Deve-se ter em conta igualmente que a capital da República já não é um burgo restrito do interior goiano, mas uma cidade com a população de cerca de 1 milhão e 700 mil habitantes, mais ou menos o que era o Rio durante os quinze curtos anos da ditadura de Getúlio Vargas. A capital já tem demonstrado sua sensibilidade, reagindo contra ações do poder que a desagrada como desagrada a todo o país. Embora careça da presença das grandes entidades representativas do comércio, da indústria e do trabalho, já aqui se instalaram instituições que suprem de certo modo o poder de influência daquelas entidades, embora nela ainda não haja como diluir os áulicos.

Não se esqueça também de que em Brasília funciona o Congresso Nacional, com representantes eleitos em todo o país e em trânsito permanente entre suas capitais e a capital federal. Nesse fluxo e refluxo eles trazem e levam informações que tendem a dilatar a importância desse novo centro de decisões políticas que é Brasília. Aqui sediam-se igualmente cerca de cem embaixadas das nações com as quais o Brasil mantém relações diplomáticas, comerciais e culturais. Isso parece suficiente para dar a cor e a marca de uma capital nacional tipo Washington ou Delhi.

E portanto mais presumida do que real a condição de Brasília como "ilha da fantasia", tal como a qualificam hoje cariocas e paulistas. Na realidade nem é ilha pela abundância de comunicações aéreas, jornalísticas, de telecomunicações, nem é de fantasia a não ser na medida em que reflete com menos vigor as aspirações hegemônicas das duas maiores cidades do país.

Ilha de fantasia não é Brasília, embora os governos nela instalados, como acontecia outrora com os governos instalados, no Rio, tendam por uma lei natural a se isolarem na sua auto-suficiência e no seu horror a dividir responsabilidades. Governos anfíbios como o de João Goulart em trânsito permanente entre Rio e Brasília não escaparam a essa perda de contacto com a realidade, característica do poder público em países de escassa opinião como o nosso. Café Filho tinha a sua ilha, armada.

O presidente Sarney até que se esforça em ouvir e abrir canais de comunicação recebendo o fluxo de lobbistas e representantes das forças econômicas e sociais que o procuram ou que ele convoca. Mas, insistimos, é da natureza do poder, qualquer que seja, transformar-se nessa espécie de ilha da fantasia dentro da qual a realidade se distancia e o sentimento de tudo poder, tudo querendo, pode ir ao ponto a que chegaram no Rio os presidentes Café Filho e João Goulart.

Carlos Castello Branco